

FESTA, SAMBA E RELIGIÃO: CULTURA DE RESISTÊNCIA E SOCIALIZAÇÃO ENTRE NEGROS DO RIO DE JANEIRO

Cristina da Conceição Silva (UNIGRANRIO)
cristinavento24@yahoo.com.br

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho busca compreender os processos de socialização dos negros na Cidade do Rio de Janeiro a partir das práticas de trabalho e de entretenimento. Vamos considerar o cotidiano dos negros no território urbano, tendo em vista a visão de personagens visitantes da cidade, bem como da administração da família real, dos nobres e bem sucedidos. Esses personagens ao se estabelecerem na cidade, geralmente, manifestavam uma visão distorcida sobre a população negra nascida no território nacional ou que através dos navios negreiros, chegaram ao Rio de Janeiro. Observaremos através das políticas de modernização da cidade, após abolição da escravidão, como os negros situados em uma área urbana buscaram formas de sobrevivência. Tais formas estiveram associadas às moradias, ao trabalho, à cultura, ao entretenimento, ao samba e às relações com outras etnias e classes sociais, provocando uma forma de resistência nos espaços privados através da cultura musical, de instrumentos e danças. Aspectos esses que compreendemos ser de suma importância para os espaços educacionais acerca da reflexão da implantação da Lei 10369/03.

Palavras chaves: Negro- Resistência-Rio de Janeiro

Introdução

O conteúdo desta investigação aborda a participação do negro na sociedade do Rio de Janeiro, tendo como espaço geográfico o Centro da cidade. Bem como apresenta o cotidiano dos negros que viviam na cidade, dos que chegavam nos navios negreiros(de diversas nações africanas) para o trabalho escravo. Observamos também os adventos significativos, promovidos pelos afro cariocas, que contribuíram para o

desenvolvimento social e cultural da cidade do Rio de Janeiro através de sua arte de cantar, dançar e festejar. Então esta investigação relata através de Karasch (2000),Freitas (2009),Honorato (2008), Bonet (2009) , Benchimol (1992), Florentino (2005) , Carvalho (1990), Medeiros (2007),Lamarão (1991)Rocha (1995)Arantes (2005)Moura (1995).

Os autores abordam a visão de personagens estrangeiros que visitavam a cidade acerca da estrutura geográfica, física e populacional da cidade e os que vieram identificar a população e modernizar a cidade, a convite da administração. O cotidiano do negro no trabalho escravo, e nas artes musicais, bem como os problemas de trabalho e moradias que foi enfrentado pelos negros, após abolição da escravidão. Observaremos também fortalecimento das relações entre os negros que de diversas geografias vieram, através do trabalho no Cais do Porto, dos modelos de moradias e dos encontros festivos, que nos espaços em questão geraram modelos de socialização por meio de trocas de conhecimentos. Os espaços e os eventos promovidos pelos negros na cidade do Rio de Janeiro apresentam grande representatividade para o desenvolvimento da nossa pesquisa, uma vez que em muitos desses espaços o samba e a religião se faziam presentes.

Os aspectos discutidos quanto à cultura negra nos encontros de orientação de mestrado nos fez pensar que a investigação em questão nos levava a uma reflexão acerca da Lei 10639/03, cuja abordagem aponta para aspectos da cultura negra nos Estados brasileiros. Cultura esta implantada, por grupos étnicos que chegam as regiões brasileiras e que ao se incorporar a outros modelos culturais já existentes na cidade recebe a denominação de cultura afro carioca. Então a pesquisa em questão é de natureza qualidade com modelo descritivo, tendo base os com recursos tais como: livros, teses e artigos com foco nas questões étnicorraciais do Rio de Janeiro.

1 Os negros na cidade do Rio de Janeiro

Como observa Karasch (2000) existiam pelo menos no Rio oitocentistas sete principais nações africanas, bem como várias menos importantes. As mais significantes eram Mina, Cabinda, Congo, Angola (ou Loande), Cacánje (ou Angola), Benguela e Moçambique. As menos abundantes, muitas incorporadas às nações principais, eram Gabão, Anjico, Monjola, Moange, Rebola (Libolo), Cajenje, Calundá (Bundo) Quilimane, Inhamban, Mucena e Monbaça. Estes termos ambíguos, que a princípio significam portos de exportação ou vasta região geográfica, dirigem atenção para a África Oriental e especialmente para o centro oeste africano, possivelmente tiveram a maioria dos africanos que vieram para do Rio de Janeiro.

Os escravos de origem africana somavam um número expressivo da população escrava do Rio de Janeiro nas primeiras décadas oitocentistas. Freitas (2009). Neste período os escravos são

divididos de acordo com o local de nascimento: África ou Brasil. Os brasileiros são classificados por cor (pardo, crioulo, mulato, cabra etc.) enquanto os africanos todos considerados negros distinguem por local de origem (Angola, Moçambique, Mina etc.).

Relata ainda Freitas (2009) que o uso constantes das chamadas nações são utilizados como mecanismo de identificação para os africanos traficados na organização dos grupos da América. O modelo de identificação adotado redefine o limite entre grupos étnicos, através da formação de unidade inclusiva, que faz surgir esferas de solidariedade entre diferentes grupos. Assim as nações servem como menção para estabelecer novas identidades para a população negra vinda de diversos países do continente africano.

Os estrangeiros que passaram pelo Rio de Janeiro, segundo relatos de alguns autores, dentre eles, Karasch (2000) e Honorato (2008) deixaram registros diversos, onde comentam sobre a exuberante beleza natural, a grande luz de cores e matizes da cidade. Seus registros também mostram o quanto reclamavam do ardente calor e da presença dos escravos e mendigos nas ruas que causavam medo e insegurança.

A cidade ao mesmo tempo causava atração e medo. Os viajantes que por aqui passavam deixaram registros diversos e comentários sobre a exuberante beleza natural a grande luminosidade de tons e cores, mas reclamavam do excessivo calor, dos cheiros desagradáveis e mostravam-se amedrontados pela enorme quantidade de negros nas ruas. A mesma cidade que atraía, causava medo e insegurança (HONORATO. 2008, p.45)

O Medo manifestado pelos turistas estrangeiros, também pairava sobre as elites que viviam na cidade ao circularem pelos becos e vielas, onde os grupos excluídos da sociedade se aglomeravam. Tais Grupos aos olhos da nata carioca, estavam sempre prontos a se mostrarem, o que para o imaginário de uma elite, causava um temor ao pensar em uma possível africanização no Brasil.

Se recorrermos aos escritos dos viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro no decorrer do século XVIII, talvez possamos compreender um pouco mais à respeito da cidade do momento em questão, e das pessoas que nela habitavam. Os viajantes que passaram pela cidade, descrevem o Rio de Janeiro como um espaço desorganizado, uma vez que as ruas não eram calçadas e que a falta de sistema de esgoto, de coleta de lixo e água encanada davam à cidade um aspecto malcheiroso, além do calor escaldante e o vai- e- vem dos negros seminus. Aos olhos dos visitantes, especialmente o europeu, estas características davam uma ideia de barbárie, por se encontrar fora dos modelos de civilizações do velho mundo. Identificam Bonet (2009) e Freitas (2009).

Benchimol (1992) aponta que a falta de fossas e de latrinas contribuía para que o esgoto fosse levado por escravos na cabeça, para ser esvaziado na baía, os negros que faziam este trabalho, eram chamados de tigres devido às manchas que adquiriam ao longo do corpo, causadas pelo ofício. O abastecimento de água era feito através de fontes e chafariz, locais onde negros carregadores e negras lavadeiras de roupas se faziam presente desempenhando seus trabalhos.

O estrangeiro, especificamente o europeu, descrevia que o Rio de Janeiro do século XIX, era comparado a uma cidade árabe, em virtude do estilo de comércio ruidoso e fervilhante. Os mesmos descreviam que na cidade as casas eram mal posicionadas, as ruas atravancadas e sujas, sem nenhuma simetria, o que também lembrava uma cidade africana. As semelhanças com uma cidade africana, apontadas pelos estrangeiros, não só são relacionadas à geografia e organização, mas também devido ao número significativo de negros, que movimentavam o trabalho urbano.

Ewbank apud Benchimol (1992) relata que as modalidades de trabalho escravo urbano exigia a força muscular dos negros, que movimentavam as atividades portuárias, comércio ambulante, oficinas, canteiros de obras e no transporte aos senhores. Na Avenida da Rua Direita, os passantes carregavam trouxas, fardos, barris, carroças dentre outros objetos. Outra característica da avenida era a presença de negros barulhentos e suados, que por ali transitavam. Não existia neste espaço carros puxados por animais, para o transporte de mercadoria; as bestas de carga eram os escravos e o peso que estes carregavam era suficiente para matar burros e cavalos. Os negros alforriados dominavam a esfera produtiva, embora ocupassem uma posição subordinada na economia urbana, onde desempenhavam pequenos ofícios como: latoeiros, carpinteiros, pedreiros, calceteiros, impressores, pintores de tabuletas e construtores.

Mesmo em estabelecimentos, as maiorias dos negros não tinham funções assalariadas. A separação social na Cidade entre o branco livre e do escravo, mostram que os trabalhos especializados eram exercidos pelos brancos, cabendo aos negros o trabalho braçal.

Na cidade, cada vez mais o número de pequenos proprietários prosperavam sobre o manto do poder e do prestígio dos grandes senhores rurais e, dos remediados comerciantes investidos de títulos. Sobre os escravos domésticos, descreve Lucccock:

Toda casa que se prezava era provida de escravos, os quais se haviam ensinado algumas ou mais artes comuns da vida e que não somente trabalhavam nessas especialidades para a família a que pertenciam ,como eram também alugados pelos seus senhores a pessoas não tão bem providas quanto aqueles. (JOHN LUCCOCK apud BELCHIMOL 1992.p.36)

Os seus serviços eram de manutenção doméstica ou da propriedade territorial urbana de seu senhor, pois os mesmos eram alugados pelos seus senhores; uma vez que; eram ensinados a eles alguns ofícios. Os serviços ensinados aos negros abrangiam um leque bastante variado, algumas profissões eram distribuídas entre às mulheres, homens e até mesmo às crianças faziam parte deste trabalho de ganho para o seu senhor. Dentre os trabalhos são citados: limpeza de esgoto e abastecimento de água. Estes serviços mais tarde passaram a ser rentáveis aos serviços públicos, nas mãos de companhias estrangeiras.

No período que compreende as primeiras décadas do século XIX, diz Honorato (2008), que os escravos quase que exclusivamente desempenhavam todas as tarefas braçais, tanto na rua como no interior das casas. A quantidade de negros que circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro era tão grande que a impressão que os viajantes tinham que era um país de negros e mestiços. O contingente de escravos vindo de diversas regiões da África que desembarcavam no Porto do Rio, juntamente com os vindos de outras regiões do país se reunia na cidade e desempenhavam diversas atividades, formando uma expressiva população. Os negros de ganho e de aluguel trabalhavam ainda como operários nas manufaturas, marinheiros, quitandeiros, barbeiros pescadores.

Karasch (2000) narra que a cidade do Rio de Janeiro surpreendia os estrangeiros que por ela passava nos primórdios século XIX, ao perceberem que os escravos também apresentavam atividades e profissões especializadas, diferentemente do que eles imaginavam - lavradores e preguiçosos, sem nenhuma habilidade. Os escravos africanos tinham habilidades voltadas para a música, à pintura e esculturas, muitas vezes os artistas de renome não eram brancos, mas negros ou mulatos, o que causava surpresa aos visitantes da cidade

2 A cultura escrava na cidade carioca

Explica Karasch (2000) que na primeira metade do século XIX a cultura escrava no Rio de Janeiro é denominada como Samba e canção. Tal denominação foi associada à linguagem, etiqueta, comida, vestimenta, arte, recreação, religião dentre outros aspectos.

O jeito como os escravos do Rio de Janeiro se comportavam com seus cantos e danças forneceram novos aspectos culturais na cidade, contribuiu e ainda contribui com o jeito de ser, de viver e de se divertir do povo carioca até os dias de hoje. A autora ainda descreve, que os escravos do Rio de Janeiro sempre que trabalhavam, nas casas de seus senhores, como carregadores ou demais atividades na rua, estavam cantando em sua língua natal, quando não, cantavam em grupo. Quando em grupo cantavam, sempre tinha um deles que apresentava características do cantor

principal, e os demais o acompanhavam, com um tipo de refrão, o que era acompanhado por palmas e algumas vezes por instrumentos.

Karasch (2000) destaca que cantar para os escravos no momento em que estavam trabalhando, sendo em grupo ou não, especificamente nas ruas da cidade, era uma forma de procurarem disfarçar o calor e o peso da mercadoria. A música puramente africana era uma característica constante nestes atos.

De acordo com a autora muitos dos escravos que viviam pela cidade do Rio de Janeiro, tocavam instrumentos europeus como profissão. A maior empregadora de músicos escravos era a família real, que chegou a ter uma orquestra com 57 escravos, que se apresentava em ocasiões especiais, onde tocavam música instrumental e vocal para uma platéia branca. Os escravos também contribuíram com estilos musicais africanos nas igrejas, principalmente, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Geralmente em feriados religiosos, especiais ou sempre, que as procissões pedissem uma banda pequena, os músicos barbeiros eram solicitados para os eventos. Os barbeiros também tocavam nas festas da Igreja da Glória, sobre a batuta de Dutra, mestre dos barbeiros da Rua da Alfândega. Os músicos se trajavam de jaqueta branca, calça preta, chapéu alto e com os pés descalços. Além da música, os barbeiros, também, exerciam práticas medicinais. Graças à diversidade étnica dos escravos do Rio de Janeiro, foi criada a cultura afro-carioca nova, que combinava tradições africanas e lusitanas.

Assim, os negros aliviavam o fardo da escravidão, transmitiam tradições religiosas e contribuíam para desfrute de uma vida social. Caso desejassem, homens e mulheres livres podiam unir-se a eles em comemorações populares. Na primeira metade do século XIX, alguns cativos se voltavam para as tradições africanas e outros recorriam à herança luso-brasileira. Carvalho (1990) e Karasch (2000).

Embora os escravos vivessem o constrangimento da vida urbana e apesar de seu trabalho inflexível, eles eram participantes ativos de uma nova cultura, com linguagem e etiqueta, comidas, roupas, artes, recreação, religião, vida em comum e estrutura familiar própria. No que se refere à comida, muitos foram os pratos de origem africanas incorporados à cultura carioca como: farofa, pirão, angu, feijão e canja temperados generosamente com pimenta. Os doces produzidos pelas negras que vinham da Bahia, para a cidade do Rio, foram agrupados às demais iguarias produzidas pelas negras de diversas nações africanas que na cidade residiam, e com o tempo essas mulheres já preparavam alimentos de muitas tradições culturais europeias. Muitos dos escravos do Rio de Janeiro, sempre depois de uma refeição apimentada, pegavam os instrumentos africanos, construídos por eles mesmos e começavam a tocar e cantar.

Havia tambores de muitos tamanhos e formatos. Os maiores como o caxambu, não eram, em geral, vistos e desenhados pelos artistas estrangeiros, porque a perseguição policial levava os escravos a escondê-los e só usá-los à noite em locais recônditos. (KARASCH. 2000, p.315.)

Os escravos da Cidade do Rio de Janeiro dançavam com muita frequência, independente de toques de instrumentos, o que poderia acontecer com palmas, latas e nas batidas de ferramentas enquanto desempenhavam seus ofícios. Em geral os escravos também traziam para suas habilidades musicais os instrumentos europeus. O Rio do século XIX apresentava uma cacofonia de tradições musicais que deu um estilo peculiar à cultura musical carioca. E esta cultura afro-carioca, forjada a partir das muitas tradições culturais, continua a dar forma cultural ao jeito carioca de ser, onde o samba ainda é dançado e cantado. Nestas danças, instrumentos da África Central ainda são tocados e espíritos africanos ainda são reverenciados. Declara Karasch (2000).

A literatura que aborda a história carioca, de acordo com a autora, deve ser analisada cuidadosamente, pois a história da população negra na cidade do Rio de Janeiro, não só se fez presente nas lavouras e minas, mas também nos serviços domésticos, comerciais, artesanais e até mesmo na arte musical.

Na cidade do Rio de Janeiro nos encontros dos escravos sempre havia música e dança, de forma que todos dançavam sozinhos ou em círculos com variáveis contorções e gesticulações. Porém a elite se sentia incomodada com seus cantos e danças, de maneira que o governo passou a perseguir estes atos sob a desculpa de manter a ordem pública. A população negra do Rio de Janeiro cresceu muito, nela encontravam-se os negros livres e os ainda escravizados, por isso a elite se apresentou preocupada, com a manutenção da ordem pública em uma cidade negra. Karasch (2000) e Florentino (2005).

3 As transformações da cidade carioca em função da corte portuguesa

Quando a corte portuguesa se transfere para o Rio de Janeiro, é transferida para a cidade a sede da monarquia. Isso culminou na chegada de seus administradores e mais quinze mil estrangeiros. Os membros da corte e a população que os acompanhavam foram recebidos na cidade com ruidosos entusiasmos pela população que vivia no Rio de Janeiro. No período em questão o administrador da família real Paulo Fernandes Viana¹, preocupou-se com a estrutura da

¹ Paulo Fernandes Viana - Intendente Geral de Polícia da Corte Joanina (1808-1821)

cidade, pois havia ausências de serviços de saneamento, água e moradias dentre outros serviços essenciais. Tais estruturas eram desfrutadas pelos estrangeiros. As necessidades levaram o administrador a desocupar a cadeia do Largo do Paço para fixar os soberanos, além de contratar mineiros que possuíssem conhecimentos práticos, sobre a construção de sistema de abastecimento de água, tendo em vista que resolver o problema de água era prioridade para a manutenção e sobrevivência dos estrangeiros. E assim o administrador inicia as obras de abastecimento de água, que levaram água até o Campo de Santana, onde foi levantado um Chafariz de 10 bicas atendendo as necessidades da corte. Observa Carvalho (1990)

Paulo Fernandes Viana passou também a administrar a Intendência da polícia, o mesmo assumiu a tarefa de evidenciar a civilização do Rio de Janeiro, dando início a um longo processo de melhoramento no aspecto da cidade. Em busca de resolver os problemas urbanos, numa tentativa de torna a cidade parecida com as capitais europeias, à Intendência também cabia purgar a cidade, de vadios, pessoas com mau procedimento, castigar os perturbadores da ordem civil, e da tranquilidade bem como os corruptos da moral pública. Cumpria também a Intendência tarefa da urbanização do Rio dentre outras, enfim a Intendência Geral da Polícia da Corte acumulava várias funções. Honorato (2008).

A vinda da família real impõe ao Rio uma classe social até então inexistente. Impõe também novas necessidades materiais que atendiam não só aos anseios dessa classe, como facilitam o desempenho das atividades econômicas, políticas e ideológicas que a cidade passa a exercer. (MEDEIROS, 2007 p.70)

A partir de então, como declara Medeiros (2007), a cidade começa a sofrer várias transformações que irão proporcionar à classe dominante uma melhor condição de vida, que será viabilizada com a vinda, cada vez mais intensa de escravos novos. Por volta da segunda década do século XIX, já havia grandes estabelecimentos comerciais no Valongo. Essa região passou a ser um dos locais mais frequentados do Rio de Janeiro. As casas comerciais, de importação e exportação, depósitos de armadores e trapiches abarrotaram esta região nordeste da cidade. No mesmo período, o comércio incentivou a ampliação na direção norte do Rio de Janeiro. A área da localização do Cais do Valongo vivia anos de intenso movimento por causa da agitação constante de navios de grande porte que nela atracavam e desembarcavam os escravos. Servia também para outras embarcações menores que cuidavam de transportar os escravos para outras regiões litorâneas da Corte ou fora dela.

Os antigos sítios e chácaras localizados entre a Quinta e a Ponta do Caju, deram lugar às residências aristocráticas para os membros da corte. Outros trechos da cidade velha dão espaço aos cafés, bilhares e hotéis. As terras da praia da Gamboa e do Saco do Alferes foram utilizadas para construção de armazéns e trapiches, bem como a construção do Cais na praia do Valongo com rampas e escadas. O modelo da construção do cais, com suas rampas e escadas, objetivava facilitar embarques e desembarques de pessoas e ser entreposto de comércio da cidade, onde os produtos eram carregados por negros seminus. O Rio de Janeiro, por possuir uma configuração espacial de muito difícil acesso, requeria mais e mais dos escravos, pois, afinal, eles se tornaram as mãos e os pés do senhor.

Esse período é marcado pela preocupação com a higiene pública e algumas medidas foram tomadas para minimizar questões relacionadas a asseio da cidade, dentre elas: a extinção do uso de rótulas e gelosias² de madeiras, consideradas incômodas e prejudiciais à saúde dos moradores, em virtude da pouca entrada de ar que estes artefatos na janela impediam. Lamarão (1991).

No período em questão ocorrem também medidas enérgicas exercidas pela Intendência da Polícia, que funcionava como uma Prefeitura dos tempos atuais. A cidade apresentava em seu histórico, nesta ocasião, diversos registros de falta de segurança. Aos olhos das elites, a desordem muitas vezes nas ruas era provocada por aqueles que se encontravam excluídos.

O grupo que era visto como uma sub- população era composto por negros, pardos, escravos ou forros. Estes se transformavam- nos capoeiras que munidos de navalhas, facas e paus, assolavam as vielas estreitas da nova corte. A medida tomada para coibir tais manifestações foi o controle efetivo, encontrado para proibir ajuntamentos, jogos noturnos, encontros festivos dentre outras atividades em grupo, tendo em vista promover uma cidade civilizada. Honorato (2008).

4 A ampliação da cidade para o entorno

Rocha (1995) descreve que a ampliação da cidade para outros espaços geográficos, os investimentos para a construção de vias férreas, dentre elas a do subúrbio da Central, o término da campanha de Canudos. E a migração dos baianos, que provavelmente vieram ao Rio para receber seus vencimentos atrasados, por participação na Guerra dos Canudos, bem como abolição dos escravos. Consequentemente foram acontecimentos que marcaram o período que compreende dos anos 70 ao final dos 90 do século XIX, e provocaram um crescimento desordenado nas áreas próximas ao centro da cidade.

² Uma espécie de treliças que impediam que as pessoas de fora vissem o interior das casas

As discussões entre políticos e investidores acerca de uma nova roupagem para a cidade, aconteciam com muito fervor nas décadas finais do século XIX. No início do século XX ocorrem às demolições da cidade e as antigas edificações dão espaço a avenidas largas, lojas e prédios luxuosos e com isso quase vinte mil pessoas tiveram que procurar novas moradias. Rocha (1995)

Diante da política regeneradora implementada pelas elites, os poucos africanos que restaram na cidade, bem como os negros em geral, passaram a simbolizar atraso e barbárie, vestígios de um tempo em que a escravidão imperava, impedindo os caminhos da civilização. As transformações porque passava a cidade do Rio de Janeiro varreriam os cenários da “cidade negra” e, com elas, desagregava-se toda uma rede de relações construídas na vivência diária e pautadas em manifestações culturais de herança africana. (CARVALHO, 1990, p.79)

Arantes (2005) identifica que os espaços no entorno da nova cidade, ocupados por negros, aos poucos foram recebendo outras etnias. O ganha-pão desta população passa a ser o trabalho do Cais do Porto, e daí a força da socialização entre os negros foi marcante, e com o tempo suas maneiras, gostos, e etc. adquirem ações e novos significados através do contato com outros sujeitos. No porto e fora dele, pretos e brancos, brasileiros e imigrantes, estivadores, arrumadores, foguistas e carvoeiros estavam sempre se esbarrando no dia-a-dia. Encontros que também aconteciam nas ruas próximas ao Cais do Porto, nos botequins, nos cortiços e nas horas de descanso ou lazer.

Os momentos de folga e distração deve ser entendida como um espaço de convívio, de troca e de criação de laços, para além daqueles construídos durante o cumprimento do trabalho ou da organização institucional. No porto as relações mais estreitas entre os trabalhadores davam-se, sobretudo a partir de relações de parentesco, vizinhança, compadrio, de trabalho e em espaços de sociabilidade mais ou menos particularizados. O Cais do Porto e seu entorno sempre foi considerado uma zona perigosa da cidade, cheio de riscos para quem se aventurasse pelas suas ruas e becos, ladeiras e morros, mas também era um espaço onde os excluídos criavam laços de solidariedade.

Da região do Cais do Porto, poucos são os vestígios que restaram, daquela antiga parte da cidade que deu origem a muitas lendas em torno de sua própria história, ela foi apontada como o berço do samba, do carnaval popular e de outras práticas culturais associadas com identidades negras ou africanas.

Os espaços de moradia coletiva onde residiam grupos étnicos diversificados são importantes para entender a experiência dos trabalhadores do porto, pois, se era nesses lugares que morava grande parte daqueles homens. Também era nesses lugares que se estabeleciam laços de solidariedade e eixos de conflito entre pessoas de origens diversas. Assim, ao dividirem o mesmo

teto, negros e brancos, portugueses e brasileiros, enfim, pessoas de diferentes raças e nacionalidades compartilhavam experiências e estabeleciam trocas culturais.

Na capital da recém-fundada república, as multidões anônimas que ocupam as ruas são vistas como sinônimo de barbárie e atraso, uma verdadeira ameaça à ordem. Essas multidões com sua cultura, seus ritmos e seus hábitos estavam muito distantes dos padrões parisienses que a estética oficial sonhava implementar, em uma República composta por um grupo elitizado, que almejava disseminar a cultura europeia na cidade do Rio de Janeiro. As manifestações culturais que remetiam às heranças africanas sofreram com a repressão que pretendia derrubar os laços e instituições dos negros e não foi nada fácil vivenciar, no dia-a-dia, os laços que os uniam. Os ajuntamentos de pretos escravos foram motivo de desconfiança, medo e repressão por parte das autoridades da cidade do Rio de Janeiro. Ainda segundo a autora o século XIX testemunhou a uma verdadeira guerra contra um desses pontos de encontro de negros: as casas de angú ou zungús³, que existiam na época. Essas casas eram alugadas e frequentadas por negros escravos ou libertos, que sofreram perseguições, por serem reconhecidas como refúgio de escravos fugidos, locais de batuque, feitiçaria etc. Arantes (2005)

Arantes (2005) ainda assinala que os escritos de Carlos Eugênio L. Soares, expõe que os espaços onde os grupos étnicos habitavam, foram importantes para a sobrevivência cultural e principalmente religiosa. Os espaços criados pelos negros reproduziam práticas coletivas religiosas de origem africana com certa segurança longe dos olhares das autoridades.

Com o avançar do século XIX, esses espaços começam a ver seus quadros modificados pela inserção cada vez maior de outros grupos étnicos a população africana diminuía a olhos vistos. A julgar pelos registros da Casa de Detenção, as últimas décadas do XIX, que testemunharam a intensa troca cultural entre os negros e os imigrantes, especialmente portugueses. Os imigrantes que conviviam junto com os negros, passaram a figurar nas prisões feitas dentro dos zungús junto com negros africanos e crioulos, escravos ou libertos. As presenças dos imigrantes retratam as transformações étnicas e culturais que se refletiam nesses espaços coletivos. Observa também a autora que independentemente do potencial numérico, os africanos ocuparam posições estratégicas dentro das hierarquias das comunidades, sendo muitas vezes os mestres das casas coletivas. É destacado entre as diversas nações, os minas como a mais importante, sendo o elo fundamental com as raízes africanas dos Zungús. Não era difícil, especialmente na segunda metade do XIX, encontrar trabalhadores ligados ao porto fazendo parte das reuniões dos zungús.

³Zungús ou Angus Habitação coletiva das classes pobres também conhecido como cortiço ou cabeça de porco. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). Cabeça de porco. Novo Dicionário Aurélio; 2ª edição – Revista ampliada Editora Nova Fronteira, 1987

No final do século XIX, ocorreu à última prisão em massa de membros de zungús. A polícia deu uma batida no número 13 do Largo da Prainha, local conhecido como ponto de encontro de trabalhadores portuários, e lá prendeu 30 pessoas.

Diferentemente dos outros, este era um espaço coletivo formado apenas por homens, todos com “profissões da estiva”. Um aspecto interessante deste zungú, é que ele não era formado apenas por negros. Os estrangeiros faziam parte do Zungú do Largo da Prainha, o que expressa o papel dos espaços coletivos na troca cultural, característica das últimas décadas do XIX, especialmente entre imigrantes portugueses e a população negra. Os zungús se apresentam como uma forma de proximidade ocupacional e social entre lusos e negros, que permitiu um diálogo cultural. Com o fim da escravidão a entrada massificada de imigrantes, se energiza desencadeando uma troca simbólica. O diálogo cultural que acontece através da troca de conhecimentos entre negros e brancos, que convivem nas habitações coletivas, frequentadores dos mesmos botequins e as mesmas festas, e trabalham-nos mesmos locais provoca a interação cultural. A amplitude das relações entre aqueles homens (negros e brancos) aumenta se levarmos em conta que a convivência entre as horas de trabalho e o tempo livre instigava ainda mais o convívio entre eles, fora dos navios, dos armazéns ou dos trapiches, destacam Arantes (2005)

Arantes (2005) comentando a obra de Sidney Chalhoub⁴ observa que os republicanos, ao perseguirem os capoeiras, demolirem cortiços e modificarem o projeto urbano da cidade num ensaio de mudar o sentido da sua ampliação. Estavam na verdade agredindo, a memória histórica da busca pela liberdade, e que eles simplesmente demoliam casas e deslocavam entulhos. Procuravam também desconectar cenários, esvaziar significados penosamente construídos na longa luta da cidade negra contra a escravidão. De qualquer forma, muitos aspectos dessa cultura, por mais que tivessem sido alterados ou reformulados, não foram simplesmente sepultados pela fúria regeneradora. Os negros permaneceram se organizando de várias maneiras, recriando suas tradições culturais e políticas em diferentes espaços: nos cortiços, nas vendas e botequins da cidade, nas casas de santo, no carnaval e também no trabalho no porto.

A literatura acima permite perceber a violência simbólica exercida pelas elites e o poder público da cidade carioca, ao segregarem e perseguiram as culturas dos negros e pobres, o que o sociólogo Pierre Bourdieu, atribui como conceito de violência simbólica. Consequentemente, as relações sociais apresentavam um vínculo, entre as classes, com característica de domínio e submissão. Inconscientemente os dominados assimilavam os valores e a visão dos dominadores,

⁴Sidney Chalhoub (Rio de Janeiro, 1957) é um [historiador](#) e professor universitário [brasileiro](#). Atualmente é também Diretor Associado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da [Unicamp](#).

não reagindo às propostas impostas sutilmente, ou seja, sem coesão física, porém com ações segregadoras.

5 Os encontros festivos entre grupos étnicos

A cultura comum das pessoas nasce no cotidiano de suas atividades banais e renovadas dia-a-dia, que pode ser vista como uma forma de conviver com a dominação, de forma sistemática, ou um processo de resistência observa Michel de Certeau em seus estudos sobre a cultura popular.

Nos arredores da Praça Onze, a Rua João Caetano foi endereço de um importante candomblé da cidade, a casa de Cipriano Abedé pai – de- santo de figuras importantes e de sambistas conhecidos, como João da Baiana, (compositor) que fora estivador em sua juventude. A rua em questão ficava próxima a maioria dos cortiços, que também era próxima a casa de santo do importante pai de santo Assumano Mina do Brasil, um africano que era da Costa da África e que foi um dos primeiros candomblés a se instalar na cidade. A Rua Visconde de Itaúna também cedia espaço para a Casa de Tia Ciata, conhecido como reduto de sambistas negros, especialmente dos baianos, Tia Ciata também era frequentadora dos candomblés da região . As festas na casa de Tia Ciata⁵ tornaram se tradicionais e ganhou respeitabilidade em função de seu marido ser funcionário público e futuramente Chefe de polícia.O cargo de Chefe de Polícia concedido ao marido de Tia Ciata, ocorreu em função da baiana ter curado a perna do Presidente da República Venceslau Brás, de uma ulceração insistente. Em virtude de Tia Ciata ter acesso a instituição policial, por conta de seu marido pertencer ao quadro da incorporação, sua casa era livre das batidas policiais.Então sua residência passa a ser um lugar privilegiado para as reuniões entre negros artesões, funcionários públicos , policiais por mulatos e brancos de baixa classe média. As pessoas que se aproximam através do samba e do carnaval são atraídas pelo exotismo das celebrações e passam a frequentar as rodas de sambas e encontros festivos na casa de Tia Ciata.

Em uma rua próxima, à Marquês de Sapucaí, estava a casa de Benzinho Bamboxê, outro pai-de-santo afamado. As ruas Visconde da Gávea e Barão de São Félix, também típicas de cortiços, ficavam mais próximas do porto e era nesta segunda rua que, no fim do século XIX, moraram as mais de 3.000 pessoas. Morava também, nestas imediações, o conhecido Dom Obá II d'África um líder religioso muito conceituado. Na Rua Barão de São Félix, funcionava o candomblé de João Alabá, também muito conhecido por ser o pai- de- santo de Tia Ciata e de muitos sambistas que frequentavam sua famosa e festeira casa. Certamente esses espaços festeiros e religiosos

⁵ Tia Ciata- Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata , nasceu em Salvador em 1854 e morreu no Rio de Janeiro em 1924
pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Ciata acesso em 27/11/11

fizeram parte da vida de muitos homens que trabalhavam no porto, mesmo porque essas ruas, contavam com os cortiços e outras moradias populares. Essa referência é ainda mais forte se pensarmos nos portuários negros, que, assim como no trabalho, ainda guardavam em suas memórias – mas também na prática diária – os costumes e as tradições religiosas dos tempos da escravidão. Moura (1995) e Arantes (2005).

A freguesia de Santana era, sem dúvida, a região da cidade onde se concentrava a maior parte dos candomblés, especialmente porque a zona portuária e arredores da Cidade Nova e Praça Onze foram locais de grande concentração dos negros (africanos ou crioulos). Nesses lugares chegaram também inúmeros grupos oriundos da Bahia na segunda metade do século XIX, em virtude da cidade apresentar ampla concentração financeira. Os grupos baianos iriam situar-se na parte da cidade onde a moradia era mais barata, na Saúde, perto do cais do porto, onde os homens, como trabalhadores braçais, buscavam vagas na estiva. Moura (1995).

O crescimento das atividades portuárias, junto à inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, transformou a região num polo de atração da população pobre especialmente os baianos, que poderiam se empregar nesses locais. Nessas cercanias da cidade era possível encontrar abrigo e solidariedade baseados em laços de parentesco (de sangue ou “de nação”) e afinidades religiosas. Assim os negros que na cidade chegavam se reuniam em torno dos negros já instalados na cidade, visto que no passado tinha na Pedra do Sal, na Saúde, uma casa de baianos e africanos, que quando os negros chegavam da África ou da Bahia da casa deles se via o navio, aí já tinha o sinal que vinha gente de lá. O sinal era uma bandeira branca, símbolo de Oxalá, avisando que vinha chegando gente. A casa era no morro, pertencia a uns africanos, ela chamava Tia Dadá e ele Tio Ossum eles davam agasalho, davam tudo até a pessoa se aprumar na cidade do Rio de Janeiro.

Percebe-se como a identificação étnica e a religião dos orixás exerciam forte eixo de ligação entre os negros que ali chegavam, mas também entre os que ali já estavam. A expressão cunhada mais tarde por um de seus moradores deu àquela região uma definição que ficou na memória – construída posteriormente – da cidade: “Era a Pequena África no Rio de Janeiro”, disse certa vez o sambista negro Heitor dos Prazeres referindo-se ao espaço nas primeiras décadas do século XX. Carvalho (1990), Moura (1995) e Arantes (2005)

Se por um lado o codinome não dava conta da diferença étnica e cultural da região naqueles tempos (afinal, a região era moradia de muitos brancos, inclusive estrangeiros), como nos diz Arantes (2005), por outro, ela pode ser interessante para expressar parte da vida cultural dos negros que ali viviam. O ambiente festeiro e religioso da “Pequena África” marcou a experiência dos

homens do Cais do Porto que circulavam pela região frequentemente. O espaço denominado como Pequena África, tal como o zungú do largo da Prainha, misturou pretos e brancos, inclusive estrangeiros, as festas e os rituais que aconteciam ali não eram privilégio dos pretos e pardos, mas também de outros grupos étnicos. Era comum, nesses ambientes, ver brancos e pretos participando das mesmas festas de samba, macumbas e comemorações. Referindo-se às festas que a baiana Tia Ciata dava constantemente em sua casa, João da Baiana dizia que ‘A festa era de preto, mas branco também ia lá divertir’.

Os ajuntamentos de pretos e manifestações culturais que remetessem às heranças africanas não eram bem vistos pelas autoridades. Estes homens negros eram constantemente vítimas das manhas de uma polícia que suspeitava e reprimia vadios, ébrios, capoeiras, feiticeiros e sambistas, prisões as quais a polícia associava a malandragem, especialmente nas ocasiões, que os negros promoviam encontros festivos. É também certo que eles tinham suas próprias formas criativas de lidar com a repressão e uma das maneiras era esconder tais práticas no âmbito privado. Como disse certa vez João da Baiana, referindo-se às festas nas casas das tias baianas, esses eram espaços onde, misturava-se samba e candomblé dentre outros eventos. O compositor João da Baiana contava que as festas na casa de Tia Cita eram organizadas nos espaços existentes da casa: o baile acontecia na sala de visitas, o samba de partido alto nos fundos da casa e a batucada no quintal. Arantes (2005).

O compositor João da Baiana, ao discursar acerca das tradições festeiras e musicais dos baianos, que seriam uma das fontes primordiais dessa cultura popular, dizia:

‘As nossas festas duravam dias, com comida e bebida, samba e batucada. A festa era feita em dias especiais, para comemorar algum acontecimento, mas também para reunir os moços e o povo “de origem”. Tia Ciata, por exemplo, fazia festa para os sobrinhos dela se divertirem. A festa era assim: baile na sala de visitas, samba de partido alto nos fundos da casa e batucada no terreiro. A festa era de preto, mas branco também ia lá se divertir. No samba só entravam os bons no sapateado, só a “elite”. Quem ia pro samba, já sabia que era da nata. Naquele tempo eu era carpina (carpinteiro)’.(MOURA 1995,p.87)

Os chamados feiticeiros João Alabá, Cipriano Abedé, Pai Assumano e Bamboxê, só para citar os que ficaram mais conhecidos, tinham pessoas ilustres em seus quadros de relações, certamente interessadas em seus “poderes sobrenaturais. Pai Assumano-‘ Príncipe dos Alufás’⁶ tinha como admirador de suas atividades religiosas José do Patrocínio Filho, que foi apresentado pelo sambista sinhô, frequentador do terreiro. A casa de Cypriano Abedé, na Rua João Caetano, 69 era frequentada pelo senador Irineu Machado, diz se ainda que nesta casa de

⁶Alufás- O termo designa líder religioso para os negros muçulmanos no Rio de Janeiro <http://dicionario24.info/Aluf%C3%A1> acesso em 27/11/11

santo em dias de função, paravam grandes fileiras de automóveis de luxo, de onde descia gente de Copacabana, Botafogo, Laranjeiras, entre outros bairros nobres. O filho do Presidente da República, o Sr Washington Luiz, também teve seu carro estacionado na casa do pai- de- santo. As ligações de pessoas da elite com os feiticeiros divulgam um aberto diálogo cultural entre indivíduos de diferentes origens sociais, conforme descreve Arantes (2005). p.123

Francisco Guimarães, o Vagalume, também mencionou em suas memórias as relações entre os “pais de santo” e “muita gente boa”. Segundo o cronista, entre os admiradores de Pai Assumano – o “Príncipe dos Alufás” – estava José do Patrocínio Filho, que o teria conhecido por intermédio do sambista Sinhô, que freqüentava o terreiro. Vagalume conta ainda que as festas na casa de Cypriano Abedé – “o maior Babalaô do Brasil” – também eram freqüentadas pela “gente da alta roda”, incluindo o Senador Irineu Machado, que teria pagado 20:000\$000 réis para que os trabalhos de Abedé lhe garantissem as eleições.

Arantes (2005) descreve que os relatos de Gabriela dos Reis Sampaio apontam que as relações entre negros e brancos vinham de longe, desde os tempos da história do famoso feiticeiro negro Juca Rosa, que na segunda metade do século XIX mantinha relações com a “fina flor da nobreza imperial”. E essas redes ligavam poderosos e subordinados, as trocas culturais constantes e os conflitos permanentes, também, envolviam senhores e dependentes em função de conviverem em espaços em comuns.

Os movimentos de inter penetração, de mútuas influências, entre brancos e negros, entre elites e subordinados, aconteciam involuntariamente, já que os escravos e outros dependentes viviam no mesmo mundo e até no mesmo teto que senhores brancos, convivendo diariamente.

A religião era parte importante da vida daquelas pessoas e a manutenção de suas crenças e práticas religiosas tinham uma dimensão fundamental na organização de suas vidas. Tais aspectos contribuíam para a sociabilização e articulação de identidades. Manter relações com pessoas “da alta roda” era uma estratégia possível de sobrevivência, uma maneira de garantir proteção para dar continuidade aos seus ritos. Tais alianças podiam incluir até mesmo autoridades policiais

Ainda segundo autora João do Rio descreve em suas narrativas um delegado, que estando amarrado a uma paixão, conseguiu seus intuitos graças ao prodígio de um galo preto. E segundo Vagalume, (Cronista) as funções no candomblé de Sua Alteza Cypriano Abedé, eram perfeitamente permitidas pela polícia, em vista de ser ali uma Sociedade de Ciências Ocultas, com organização de sociedade civil. Provavelmente Abedé teria obtido tal permissão com uma ajudinha de seus seguidores influentes. O estivador, Ogã⁷, sambista e compositor João da Baiana também tinha suas

⁷Ogã -O homem que é o guardião e auxiliar com muitas funções junto ao zelador ou zeladora das divindades www.estanciadeluz.com.br acesso em 27/11/11

amizades na política, bem pautadas em um jogo de interesses mútuos. Ele mesmo sugeriu ter atuado como cabo eleitoral de muitos deles no cais do porto.

Entre eles: Irineu Machado, o mesmo que teria pagado Cypriano Abedé para fazer um trabalho que lhe garantisse o Senado. Mas também de Mendes Tavares, o candidato do presidente Arthur Bernardes para o senado. O sambista contava que estes e outros ilustres, como o Coronel Costa e Marechal Hermes “viviam nas casas das baianas”. Segundo o próprio sambista, em um de seus depoimentos, relata que era bom se relacionar com gente do governo, pois garantiam salvo conduto para que homens como João da Baiana dentre outros, pudessem continuar suas macumbas, tocar seus sambas. Relata Arantes 2005p. 125

“O sambista conta que estes e outros ilustres, como o Coronel Costa e Marechal Hermes “viviam nas casas das baianas”. Segundo o próprio sambista, em um de seus depoimentos, para ele e seus companheiros “era bom andar com o governo. Davam automóvel pra gente e salvo conduto para polícia”.

As atitudes que até então eram proibidas, bem como exibir seus pandeiros, instrumento visto com maus olhos pela polícia como “coisa de malandro e vagabundo”, passam a se toleradas em virtude das relações dos sambistas com pessoas da alta roda da sociedade carioca. Ficou assim famosa a história do Pandeiro de João da Baiana, que, segundo ele mesmo gostava de contar nas suas entrevistas, foi furado pelo policial que o prendeu por vadiagem em 1908, quando este se dirigia à Festa da Penha. Na ocasião, outro influente político, o Senador Pinheiro Machado, mandou fazer-lhe outro pandeiro e nele escreveu uma dedicatória assinada para que nunca mais a polícia o tirasse.

As práticas culturais associadas à população negra, como candomblés e sambas eram perseguidos, como já foi dito por diversos autores e pelos próprios contemporâneos em depoimentos posteriores.

Ao olhar das elites, essas manifestações não eram lá muito civilizadas. No entanto, apesar de toda repressão sofrida, esses homens e mulheres souberam, de diferentes formas, dialogarem com as regras impostas pelas elites, ao se manterem em seus espaços. Esses ambientes foram significativos no sentido da troca de experiências que aconteceram neles entre, pessoas de diferentes cores, nacionalidades e culturas. Essas relações eram estabelecidas nos diversos espaços de convivência, como nos bares, habitações coletivas, nos carregamentos de café, nas casas de santo, nas festas religiosas e no profano carnaval que tinha ali um dos principais redutos da folia da gente pobre.

2 Considerações finais

O relato dos autores citados nesta investigação nos remete a um tempo histórico na cidade do Rio de Janeiro, que tem início a partir da chegada dos visitantes estrangeiros na cidade, sejam a passeio ou como convidados pela família real.

Observamos ao longo desta investigação que a cidade do Rio de Janeiro recebe críticas desses visitantes, quanto ao número significativo da população negra e sobre a organização estrutural da cidade. Esses visitantes, antes mesmo de chegarem ao Rio de Janeiro, concebiam em seu imaginário a figura do negro urbano, como um ser indolente e incapaz, uma vez que no perímetro urbano não existiam espaços agrícolas e pecuários para eles produzirem. No entanto o que percebemos ao longo dos escritos é que embora este negro tenha sofrido estereótipos acerca de suas características físicas e costumes, ele procurou minimizar tantas humilhações, sistematizando em seu cotidiano aspectos culturais peculiares a sua pertença étnica. E assim o negro da Cidade do Rio de Janeiro busca através de sua arte, trabalho e cultura, um modelo de resistência que apresentava civilidade no trato com diversos grupos étnicos e sociais que na cidade residiam, como também com os estrangeiros que chegavam e fixavam moradias na cidade.

Então esta investigação, releva não só o interesse pelo tema por parte da investigadora, como também objetiva sugerir reflexões nos espaços acadêmicos acerca das práticas pedagógicas e das relações com os seres humanos, especialmente, no que se refere aos aspectos étnicos e culturais, de forma a assinalar, à direção de uma educação inter- étnica e intercultural. Entendemos que este exemplo de educação, poderá ser possível se alimentarmos o espaço acadêmico e a sala de aula de conhecimentos que coloquem em evidência as contribuições dadas por aqueles que no passado se encontraram em desigualdade, invisibilizados frente a outros grupos da cidade carioca.

No entanto ao descrevermos, nesta investigação, como o negro foi tratado discriminadamente e contarmos suas histórias de contribuições nas artes, na música dentre outros aspectos. Estaremos tratando o negro como sujeito imprescindível no processo de constituição cultural da cidade do Rio de Janeiro, de forma a valorizar o seu legado na cultura afrocarioca. O legado cultural afrocarioca ao qual nos referimos fornecerá subsídios para que possamos discutir e implementar em nossas classes fundamental, média e acadêmica o princípio legal da Lei 10639/03 ao qual se dedica esta investigação.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Érica Bastos. **O Porto negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX**. Campinas: EdUEC, 2005.

- CERTEAU, Michel **A cultura no Plural**: Campinas. Papirus, 1995.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos – Um Hausmann Tropical**. Rio de Janeiro: Mérito, 1953.
- BONET, Márcia. **Entre o Artifício e a Arte: pintores e entalhadores no Rio de Janeiro Setecentistas** Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 2006
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro 2º ed. Bertrand Brasil. 2002.
- BRASIL MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2006.
- CARVALHO, Delgado **História da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1990.
- DE FREITAS, Iohana Brito. **Cores e Olhares no Brasil Oitocentista**. Niterói: EdUFF, 2009
- FERREIRA, M. C.; MOURA, M. L. S. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- FLORENTINO, Manolo Garcia. **Tráfico, Cativo e Liberdade- Rio de Janeiro Século XVIII-XIX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- HONORATO, Claudio de Paula. **Valongo o Mercado escravo do Rio de Janeiro, 1758-1835**. Niterói: EdUFF, 2008.
- KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 – 1850**. Rio de Janeiro: Cia. Das Letras, 2000.
- LAMARÃO, Sergio Tadeu de Niemayer **Dos Trapiches ao Porto**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 2006.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca carioca, 1995.
- PEREIRA, Júlio César da Silva. **À flor da terra o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond [Matheus Graciano], 2007.
- ROCHA, Porto. **A era das Demolições**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1986

